

# Os anjos e o Código de Direito Canônico

*Dr. Pe. Rubens Miraglia Zani*

## RESUMO:

*Em nossos dias, os anjos estão muito em foco. Não somente a piedade cristã os reconhece, mas também o esoterismo e a literatura fantasiosa. Há, porém, aqueles que negam a existência dos anjos, bons e maus<sup>1</sup>, como se fossem figuras mitológicas. O que nos ensinam as Sagradas Escrituras, a Tradição e o Magistério da Igreja? E ainda: o que tal assunto tem a ver com o Código de Direito Canônico?*

*Palavras-chave: Anjos. Igreja, Direito*

## ABSTRACT:

*Nowadays, the angels are most in focus. They are not only recognized by the christian piety, but also the esoterism as well as fantastic literature. There are those who do not accept the existence of the angels, bad and good ones, as they were mythological beings. What do Sacred Scriptures, Tradition and Church Magisterium teaches us? And yet: what does this issue have to do with the Code of Canon law?*

*Key-words: angels, Church, law.*

---

<sup>1</sup> Isso já acontecia no tempo de Jesus: os saduceus negavam a existência de anjos (At 23,8).

## INTRODUÇÃO

Em nossos dias, os anjos estão muito em foco. Não somente a piedade cristã os reconhece, mas também o esoterismo e a literatura fantasiosa. Há, porém, aqueles que negam a existência dos anjos, bons e maus<sup>2</sup>, como se fossem figuras mitológicas. O que nos ensinam as Sagradas Escrituras, a Tradição e o Magistério da Igreja? E ainda: o que tal assunto tem a ver com o Código de Direito Canônico?

À primeira vista, parece se tratar de algo, se não completamente alheio, ao menos estranho. Esse nosso estudo mostrará ao leitor que não se trata nem de uma nem de outra coisa.

O Direito Canônico, ainda que tenha estatuto próprio como ciência<sup>3</sup>, é um ramo da Teologia e a ela está vinculado indissolavelmente. Esta, por sua vez, contempla entre os seus tratados, o estudo da existência dos anjos. A interdisciplinariedade dos vários ramos da Teologia, que ao longo dos séculos ganharam estatuto de ciência a se faz com que o Direito Canônico seja uma dessas ciências a tratar do tema *anjos* naquilo que lhe é peculiar como ciência, ou seja os aspectos jurídicos da fé, com as devidas conseqüências na vida da Igreja.

Para uma abordagem que leve o leitor a uma compreensão clara, faremos todos os passos através da Teologia, nos seus vários ramos, até chegarmos ao Direito Canônico, tendo o tema proposto como fio condutor. O leitor verá como o tema se coloca, abrangendo necessariamente os campos de várias ciências que gozam de uma certa autonomia – porque são interdependentes – no vasto mundo da Teologia. Um bom jurista canônico deve ser, antes de tudo, um bom teólogo, ou então jamais entenderá a mente do Legislador; isso repetimos em razão do vínculo existente entre a Teologia e o Direito Canônico.

Trataremos, portanto, da existência dos anjos segundo as Sagradas Escrituras, a Tradição e o Magistério, da prova a que foram submetidos e

---

<sup>2</sup> Isso já acontecia no tempo de Jesus: os saduceus negavam a existência de anjos (At 23,8).

<sup>3</sup> O Direito Canônico é a ciência que, baseada no direito divino natural e positivo, organiza racionalmente os elementos eclesiais segundo a justiça, para que a Igreja possa cumprir com maior eficácia os fins que o seu divino Fundador lhe confiou e que estão definitivamente ordenados à salvação dos homens.

que resultou em vitória para uns e pecado para outros, as atividades que exercem no mundo, consideraremos alguns aspectos históricos sobre a elaboração e evolução do dogma com o conseqüente culto que lhe é prestado e nos deteremos mais pormenorizadamente sobre a possessão demoníaca e o exorcismo.

Ao nos referirmos ao Código de Direito Canônico, estaremos nos atendo exclusivamente ao atualmente em vigor, promulgado por João Paulo II em 1983, deixando para outra ocasião as referências ao Código anterior, de 1917 bem como à legislação anterior ao Concílio Ecumênico Vaticano II<sup>4</sup>. Já o Código dos Cânones das Igrejas Orientais, promulgado também por João Paulo II em 1990 e por ele declarado parte integrante do *Corpus Iuris Canonici*, não faz nenhuma referência direta à matéria em questão, ainda que as Igrejas orientais, em plena comunhão ou não com a Sé de Pedro, tenham praticamente as mesmas teologia, disciplina e práticas pastorais da Igreja latina.

Malgrado algumas precisações por vezes árduas, mas necessárias, esse artigo se propõe ser acessível a todos.

## 1. A existência dos anjos

A Angeologia é o tratado teológico que estuda os anjos e, mais exatamente, a doutrina sobre as personalidades extra-humanas que acompanham e assistem o homem na história da sua salvação.

Afirma o Catecismo da Igreja Católica: “A existência dos seres espirituais, não-corpórea, que a Sagrada Escritura chama habitualmente anjos, é uma verdade de fé. O testemunho da Escritura a respeito é tão claro quanto a unanimidade da Tradição”<sup>5</sup>.

Vejamos então o que nos diz a Escritura. Nos livros mais antigos da Bíblia aparece uma figura um tanto misteriosa chamada em hebraico **mal’ak**

---

<sup>4</sup> Há um estudo bastante completo e interessante de C. Koser, *Documentos Eclesiásticos sobre Práticas Supersticiosas e Demoníacas* in *O Demônio Aspectos Teológicos*, Vozes, Petrópolis, 1957, p. 67-101 que elenca farta documentação pré-conciliar.

<sup>5</sup> Cat. 238. Puros espíritos criados por Deus provavelmente no mesmo tempo em que o resto da criação. A palavra anjo quer dizer mensageiro - do grego *ἀγγελος*.

**Yahveh** - delegado, embaixador, mensageiro do Senhor.<sup>6</sup> Trata-se de um mensageiro investido por Deus com determinada missão e plenos poderes para cumpri-la, de modo que é o próprio Deus quem intervém por meio do seu emissário. Por vezes trata-se claramente de uma pessoa humana<sup>7</sup> mas ordinariamente usa-se esta palavra na Bíblia só para designar os puros espíritos que atuam como mensageiros divinos<sup>8</sup>. Segundo a Revelação, os anjos que participam da vida da Trindade são também chamados a tomar parte na história da salvação dos homens, nos momentos estabelecidos pelo desígnio da Providência Divina, com a tarefa de proteger os homens e serem solícitos pela sua salvação<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> Cf. Gn 16,7-14; 18,2s; 21,17-19; 22,11-14; 31,11-13; Ex 2,2-6.

<sup>7</sup> Cf. Is 18,2. 33,7.

<sup>8</sup> Assim, Deus envia anjos para anunciar a Sua vontade, para corrigir, punir, proteger indivíduos, nações ou regiões, guerrear, ensinar, repreender, consolar: são executores da vontade de Deus (51 102,20; Mt 4,1 ;13,49; 26,53), auxiliam aqueles que temem a Deus (51 33,8; 90,11; Bar 6,6), são protetores de regiões ou países (Dan 4,10,20; 10,10.13.20.21 ;At 16,6) e de indivíduos (Mt 18,10).Enviou Deus anjos para proteger Agar (Gn 16,7. 21,17), Abraão (Gn 18; 22,11), L6 (Gn 19), Jacó (Gn 28,12; 32), Elias (3 Rs 19,5), os três jovens (Dan 3,49), Daniel (Dan 6,22), Tobias (Tb 5,6-22), 5. Pedro (At 10,19; 12,7-11), Cornélio (At 10,3 ; 11,13), o Eunuco da rainha de Candace (At 8,26-39), para ajudar os doentes (Jo 5,4), e levar os justos ao seio de Abraão (Lc 16,22). A lei foi dada através dos anjos (Hb 2,2). Um anjo guiou o povo de Israel (Hb 12,22; Num 20,16). Deus prometeu enviar um anjo ao seu povo (Ex 23,20 ; 33,2), enviou um anjo para proibir Balaão de amaldiçoar seu povo (Num 22,22), e enviou um outro a Josué (Js 5,13-14). Um anjo repreendeu o povo (Jz 2, 1-4), guiou Gedeão (Jz 6, 1 1-40 ; 7, 1-7), apareceu A mãe de Sansão (Jz 13,3,21) e a Zacarias (Zc 2,6), puniu Davi (2 Sm 24, 16 ; 1Cr 21,15), guiou Elias (1 Rs 19,5; 2 Rs 1,3-15), destroçou os assírios (2 Rs 19,35). Anjos também explicaram visões (Dan 8,16; 9,21 ; 10,5.10.16), conduziram o exército dos Macabeus (2 Mac 11,6-11) e puniram Heliodoro (2 Mac 3,24-27). Um anjo apareceu a S. José (Mt 1,20; 2,13 19), a Zacarias (Lc 1,11.19s) à Virgem Maria (Lc 1,26-38), aos pastores (Lc 2,9-15), a N. Senhor na sua agonia (Lc 22,43), aos discípulos depois da ressurreição (Mt 28,2), e também aos discípulos depois da Ascensão (At 1, 10); a S. Paulo (At. 27,23). Revelaram o apocalipse a S. João (Ap 1,1. 19,10. 22,8). Um anjo ou mensageiro de Satã foi autorizado a infligir doenças físicas em S. Paulo de tal maneira que, como Jó, sua virtude fosse provada (2Cor 12,7). Convocarão os homens para o julgamento (Mt 24,31; 1Ts 4,16), embora não conheçam o dia (Mc 13,32) e virão com Cristo para julgar o gênero humano (Mt 16,27. 2Ts 1,7).

<sup>9</sup> Além dos fatos narrados na nota anterior tenha-se presente o quanto foi afirmado pela Igreja no Concílio Lateranense IV (1215) quando, pela primeira vez, um concílio ecumênico se ocupou do assunto (a existência dos anjos como seres espirituais, sejam bons como maus), ainda que a Tradição e a Teologia se tenham pronunciado muitas vezes nos séculos anteriores ao concílio, sendo depois retomado pelo Concílio Vaticano I (na Constituição *De fide catholica*).

Com o tempo, os israelitas tenderam a distanciar sempre mais Deus dos homens, acentuando a transcendência do Eterno; isto os levou a desenvolver a noção de intermediários entre o Senhor Deus e os homens; assim foi tomando vulto a doutrina relativa aos anjos.

Nos tempos mais remotos da história de Israel, o povo ameaçava cair no politeísmo; daí a sobriedade dos livros mais antigos sobre o assunto<sup>10</sup>. Todavia no decorrer dos séculos, essa ameaça foi cedendo a uma noção, cada vez mais profunda, da transcendência de Deus, de modo que os escritores bíblicos e extra-bíblicos (apócrifos<sup>11</sup>) foram mais e mais falando de anjos<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Ainda assim mencionam o culto de veneração que já os patriarcas prestavam a eles anjos (Gn 18,2; 19, 1 ; Nm 22,31), e também o fez Gedeão (Jz 6,11).

<sup>11</sup> Apócrifos. Vários escritos que em algum tempo ou em algum lugar foram julgados pertencer ao Canon dos Livros Sagrados. Muitos eram simples tentativas piedosas para suprir notícias sobre pontos que os livros canônicos silenciavam, ou para esclarecê-los. Outros tinham tendência herética propondo ou justificando falsas doutrinas sob falsos nomes ou corrompendo as verdadeiras Escrituras. Os escritos apócrifos do Antigo Testamento são narrações de visões, revelações particulares, esperanças messiânicas, e passagens proverbiais e doutrinárias. Os apócrifos do Novo Testamento podem ser classificados como Evangelhos, Atos de cada apóstolo, Epístolas de Apóstolos e Padres apostólicos. Apesar desses trabalhos não serem inspirados nem autênticos, mas espúrios, contêm muitas vezes, uma literatura espiritual, verdadeira e útil. Seu valor é tanto quanto o de sua autoridade histórica natural. No que relatam de N. Senhor e dos santos devem ser examinados caso por caso para que se possa distinguir o que é lenda do que é, ou pode ser, verdade. Alguns foram tidos em grande consideração na Igreja primitiva, principalmente os que tratavam do parentesco de N. Senhor, da vida de Maria e José. Joaquim e Ana são apresentados como pais de Maria no Evangelho apócrifo de São Tiago (cerca de 150 A.D.). Os mais notáveis do Antigo Testamento são Henoc, Jubileus, Salmos de Salomão, 3º e 4º livros de Esdras (dos quais se tirou o intróito da Missa de Réquiem), e a Oração de Manassés. Os muitos evangelhos, epístolas de Barnabé, Clemente, e Atos de Pedro são os mais importantes do Novo Testamento. Os evangelhos apócrifos abundam em detalhes fantásticos e facilmente se provam como não inspirados. Não há livros apócrifos na Bíblia Católica. Os protestantes erroneamente chamam apócrifos alguns livros que a Igreja aceita como parte do Canon da Bíblia. Assim rejeitam Tobias, Judite, o livro da Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, 1º e 2º dos Macabeus, e partes de Ester e Daniel. Tais livros são chamados Deuterocanônicos.

<sup>12</sup> Tenhamos em vista Tb 3,17. 12,15 (o anjo Rafael - *Medicina de Deus*); Dn 10,13; 12,1 (Miguel - *Quem é como Deus?* - o protetor do povo de Deus); Dn 8,169,21 (Gabriel - *Força de Deus*); Dn 10,13.20 (o anjo tutor de cada povo).

Aparece também no Antigo Testamento, a noção do anjo mau, adversário dos homens<sup>13</sup>. Este é um ser inteligente, astuto e mentiroso, e não uma força neutra instintiva do homem; todavia, como criatura, é sujeito a Deus, só age contra o homem por permissão do Senhor e o homem é capaz de resistir-lhe<sup>14</sup>. Os anjos que não conservaram a graça, mas caíram de seu alto estado, juntamente com Satanás<sup>15</sup>, são chamados anjos decaídos ou demônios<sup>16</sup>. Um anjo decaído é o rei das hordas infernais, simbolizada pela praga dos gafanhotos<sup>17</sup>.

Nos escritos do Novo Testamento ainda é mais patente a presença dos anjos que, de certo modo, fazem as vezes de cortesãos e arautos do Reino de Deus, trazido à Terra por Jesus Cristo. O Evangelho fala do “exército celeste”<sup>18</sup>. Acompanham a mensagem da Boa-Nova na família de João Batista, junto a Maria e José<sup>19</sup>, e servem também a Cristo<sup>20</sup>, alegram-se pela conversão dos pecadores<sup>21</sup>, apresentam as orações dos justos diante de Deus<sup>22</sup>, colaboram na difusão do Evangelho<sup>23</sup> assim como colaboraram na transmissão da Lei<sup>24</sup>, auxiliam os doentes<sup>25</sup> e levam os justos ao seio de Abraão<sup>26</sup>, participando do juízo final<sup>27</sup>.

---

<sup>13</sup> Em Sb 2,23s lê-se o seguinte: “Deus criou o homem imortal e o fez à sua imagem e semelhança. Mas, por inveja do diabo, entrou no mundo a morte; os que a ele pertencem, sofrem-na”. Há aí uma alusão a Gn 3,1-5, onde a serpente aparece como imagem do diabo tentador. Para uma visão mais ampla: A. Charbel, *Demonologia e Magia no Antigo Testamento*, in *O Demônio Aspectos Teológicos*, Vozes, Petrópolis, 1957, p. 11-30.

<sup>14</sup> É-nos suficiente ver o caso de Jó (1,11s) ou considerarmos a afirmação de São Tiago na sua epístola(4,7).

<sup>15</sup> Cf. 2Pd 12,7; Jd 1,16.

<sup>16</sup> Cf. Mt 25,41; Ap. 12,7.

<sup>17</sup> Cf. Ap 9,11.

<sup>18</sup> Cf. Lc 2,13.

<sup>19</sup> Cf. Mt 1,20-24. 2,13.19-20. Lc 1,11-20.26-38.

<sup>20</sup> Na sua natividade (Lc 2,13), após as tentações (Mc 1,13), na agonia (Lc 22,43), na ressurreição (Mt 28,2-6), na ascensão (At I, 19).

<sup>21</sup> Cf. Lc 15,7.10.

<sup>22</sup> Cf. Ap 8,3-4.

<sup>23</sup> Cf. At 8, 26-39. 10,3. 11,13.

<sup>24</sup> Cf. Hb 2,2.

<sup>25</sup> Cf. Jo 5,4.

<sup>26</sup> Cf. Lc 16,22.

<sup>27</sup> Cf. Mt 13,39 b.41-42.

Os anjos maus também ocorrem freqüentemente no Novo Testamento com nomes e títulos diversos<sup>28</sup>. Jesus diz que ele “é homicida desde o princípio e que não permaneceu na verdade”<sup>29</sup>. O Maligno pediu os Apóstolos para os joeirar como trigo, mas Jesus rogou por eles ao Pai (Lc 22,31) - o que mostra que o demônio só age com autorização de Deus.

Enquanto criaturas de natureza espiritual, os anjos se apresentam à nossa reflexão como uma especial realização da “imagem de Deus”, Espírito perfeíssimo; sob tal ponto de vista, os anjos são as criaturas mais vizinhas ao exemplar divino. Por serem entes puramente espirituais (ainda que, em algumas circunstâncias se manifestem visivelmente em razão da sua missão), são também imortais (justamente porque não sujeitos às leis da corruptibilidade que é inerente a todo o mundo material<sup>30</sup>).

São também dotados de intelecto e livre vontade, como o homem, mas em grau muito superior ao humano - mesmo que seja sempre finito, pelo limite que é inerente a todas as criaturas.

<sup>28</sup> **Lúcifer** (Lc 10,18): nome dado ao chefe dos demônios, quer porque em Is 14,12 é aplicado ao rei da Babilônia, como hostil a Deus, quer principalmente por ter sido antes um anjo de extraordinária beleza e glória, perdidas pelo pecado; **Satanás** = Adversário (Mc I,13); **Demônio** (Mt 4,12; Lc 4,2): Nomes dados aos chefes dos anjos maus. Por vezes a palavra *demônio* é usada para designar não o chefe, mas outros demônios (Mt 12,26; Mc 3,23); **Belzebu** (Mt 10,25. 12,244.; Mc 3,22; Lc 11,15; etc.); “deus das moscas”, venerado pelos filisteus em Acaron. Ocozias, rei de Israel, mandou consultá-lo quando esteve doente (2Rs 1,2, etc.); **Belial** (2Cor 6,15) termo hebraico que quer dizer *indigno*, de onde, também, perverso, malvado. No AT costuma ser usado acompanhada das palavras *filho, irmão criança, homem*, etc. e significa pessoa muito perversa (Jz 19,22; 1Sm, 2,12). As traduções dependentes da Vulgata vertem-na *malvado* e *perverso*. Encontra-se apenas uma vez no NT, onde, provavelmente, é empregada como sinônimo de satanás; **Asmodeu**, o demônio que assediava Sara, filha de Raguel matou-lhe os sete primeiros maridos, no próprio dia do casamento, até que foi subjugado pelo anjo Rafael (Tb 3,8. 6,14. 8,25) é a única a designar um demônio específico que vem usada apenas no AT; **Príncipe (ou dominador) deste mundo**: locução preferida por Jo no seu evangelho (14,30. 16,11) e por S. Paulo na carta aos efésios (2,2. 6,12); **O forte**: entendido como aquele que guarda seus domínios mas é derrotado por Cristo (Mc, 3,22; Mt 12,29; Lc 11,21); **O tentados**: alusão direta à obra mais comum dos espíritos maus (Gl 6,1; 1Ts 3,5; Hb 2,18. 4,15); **O acusador**: outra referência à ação dos maus espíritos seja junto a Deus que aos homens (Ap 12,10); **O maligno**: expressão que reflete o ânimo desses maus espíritos (Mt 5,37. 13,19.38-39; Mc 4,15; Lc 8,12; Jo 17,15; Ef 6,16; 2Ts 3,3; 1Jo 2,13. 3,12. 5,18).

<sup>29</sup> Jo 8,44; cf. também IJo 3,8.

<sup>30</sup> O próprio Jesus, referindo-se à condição angélica, dirá que na vida futura os ressuscitados “(não) podem mais morrer, porque são iguais aos anjos” (Lc 20,36).

Os anjos são, portanto, seres pessoais e a Escritura se refere a eles seja com apelativos pessoais (como os nomes próprios de Miguel, Gabriel e Rafael<sup>31</sup>) seja com apelativos coletivos.

O teólogo grego denominado Pseudo-Dionísio Areopagita, no século VI, recolheu na Sagrada Escritura os nomes dos anjos mencionados no Antigo e no Novo Testamentos<sup>32</sup> e distribuiu-os numa hierarquia de nove coros: Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos, Anjos (em sentido estrito). Essa classificação partiria dos anjos mais perfeitos aos menos perfeitos no plano ontológico, agrupando-os em *sociedade*, subdividindo-os em ordens e graus correspondentes à medida de suas perfeições e à missão a eles confiada<sup>33</sup>. Tal divisão em *coros*, como é conhecida, nada tem de dogmático. A Teologia, especialmente aquela patrística e medieval, não refutou tais representações procurando, em vez disso, dar-lhe uma explicação doutrinal e mística, mas sem atribuir-lhe um valor absoluto.

<sup>31</sup> Cf. supra nota nº11.

<sup>32</sup> Mencionam as S. Escrituras constantemente missões e aparições de anjos, e nomeiam seus diferentes graus: Serafim (Is 6,2,6), Querubim (Gn 3,24; Eclo 49,10; Ez 10,1-22), Tronos (Cl 1,16), Dominações (Cl 1,16; Ef 1,21), Virtudes (1Pd 3,22), Potestades (Cl 1,16; 1Pd 3,22), Principados (Col. 1,16), Arcanjos (1Ts 4,16) e Anjos. Os anjos não são todos iguais (Dn 10,13 ; Ap 12,7). Daí ensinar-se ordinariamente que há nove classes ou coros de anjos, todas nomeadas na Bíblia. De acordo com a doutrina atribuída a S. Dionísio, o areopagita, estes coros são divididos em três hierarquias de três coros cada uma.

<sup>33</sup> **Serafins**: o mais elevado dos coros angélicos porque mais próximo de Deus e mais inflamado de amor por Ele. Isaías os descreve como figuras humanas com três pares de asas e que proclamam em alta voz a glória de Deus (Is 6,2-7), sendo o único lugar da S. Escritura que faz referência a eles. **Querubins**: termo assírio que significa alto, grande, bendito, seguem imediatamente aos serafins na hierarquia angélica e tem a excelência da ciência. São várias as passagens da Escritura que fazem referência a eles (Gn 3,24; Ex 25,18-22; 1Sm 4,4; 2Sm 6,2; 1Cr 13,6; 2Rs 6,23ss; Is 37,16; Ez 1,10. 10,12. 28,24-26; Sl 79,2. 98,1; Ap 4,6. 5,6. 6,1, etc.) São de difícil descrição, ainda que Ezequiel os descreva e tenham sido colocadas imagens deles no propiciatório da Arca da Aliança e no templo de Salomão. **Tronos**: conhecem imediatamente, em Deus, as razões das obras divinas e as comunicam aos demais **Dominações**: segundo S. Paulo (Cl 1,16; Ef 1,21), tais anjos reivindicam o absoluto primado de Deus e do Seu Cristo sobre todo o universo e comunicam aos demais seres, angélicos ou não, os dons de Deus **Virtudes**: respondem pelos milagres, acercando-se das coisas divinas que lhes dizem respeito **Potestades**: ordem angélica enumerada por S. Paulo e por S. Pedro (Cl 1,16; 1Pd 3,22), debelam as potências adversas **Principados**: presidem os bons espíritos; **Arcanjos**: espíritos de uma categoria superior àquela do simples anjo (1Ts 4,16); segundo S. Gregório Magno, são os portadores de grandes mensagens; **Anjos**: ordinários mensageiros de Deus e executores do seu querer.

Santo Tomás de Aquino (nas questões 50 a 64 da parte I da Suma Teológica) preferiu aprofundar a pesquisa sobre a condição ontológica, sobre a atividade cognoscitiva e volitiva e sobre a elevação espiritual destas criaturas puramente espirituais, seja pela sua dignidade na escala dos seres criados, seja porque nelas podia aprofundar melhor as capacidades e atividades próprias do espírito em estado puro, conseguindo muita luz para compreender os problemas de fundo que desde sempre agitam e estimulam o pensamento humano: o conhecimento, o amor, a liberdade, a docilidade a Deus, o alcançar o Seu Reino.

## **2. O pecado dos anjos**

Os anjos são criaturas que Deus fez boas. Deus, por ser ontologicamente bom, nada pode fazer intrinsecamente mau, mas alguns, rebelando-se contra Deus, pecaram, foram expulsos do céu e condenados ao inferno (2Pd 2,4), tendo abusado da sua liberdade e se afastando de Deus pelo pecado. Que tipo de pecado terá sido esse? Há poucos dados na Revelação para se responder a tal questão. Julga-se, porém, que depois de ter criado os anjos, Deus os elevou à graça sobrenatural (à semelhança do que se deu com os homens) e os submeteu a uma prova. Uma parte dos anjos se terá rebelado contra Deus por orgulho e soberba (este é o pecado típico dos espíritos). Esta é hoje a hipótese mais difundida, mas não é a única.

Uma outra hipótese, mais antiga que a anterior, é a que atribui a queda dos anjos ao ciúme e à inveja que provaram em relação aos homens no Paraíso<sup>34</sup>: os anjos que governavam a esfera terrestre mal suportavam que o homem, vindo sucessivamente e feito justamente da mesma matéria terrestre, fosse feito à imagem e semelhança de Deus e, além disso, Deus houvesse submetido a ele as demais criaturas.

---

<sup>34</sup> Foi sustentada pelos mais antigos Padres como S. Justino, Tertuliano, São Cipriano, Lactâncio, Santo Irineu e, São Gregório Nisseno, que é, de todos, o que faz a sua explanação mais ampla. Para maiores detalhes: E. Bittencourt, *A Atuação do Demônio após a Queda Original segundo os Padres da Igreja* in *O Demônio Aspectos Teológicos*, Vozes, Petrópolis, 1957 p.51-63.

Conforme alguns outros teólogos<sup>35</sup>, a rebelião ocorreu, sim, por ciúme e inveja, mas num momento e por um motivo específicos: quando Deus anunciou aos anjos a encarnação do Filho (teriam de adorar a Deus feito homem)<sup>36</sup>.

A Igreja, que sempre deu por certa a queda dos anjos como encontramos na revelação, jamais se pronunciou oficialmente por nenhuma das hipóteses. Apenas uma coisa é certa: os dados da revelação nos dizem com clareza que tais anjos livremente se tornaram maus rejeitando a Deus, e que em tal rejeição consiste o seu pecado.

Estes anjos, depois do pecado, não mudaram de natureza nas conservaram a inteligência e o poder naturais que passaram a empregar a serviço do mal.

As decisões dos anjos, dotados de inteligência mais aguda, são irrevogáveis. Não lhes resta, assim, margem para arrependimento e conversão. Em consequência, são avessos a Deus e ao seu plano de salvação. É preciso, porém, que nos mantenhamos sóbrios ao falar dos anjos maus; não lhes podemos atribuir figura corpórea (chifres, asas de morcego, tridentes, garras, rabos, etc.) justamente por serem puros espíritos, ainda que, como os anjos bons, possam receber de Deus a permissão ou ordem de se manifestarem visivelmente. Sabemos que Deus é sumamente bom e justo, de modo que o estado de perdição dos anjos maus é plenamente compatível com tais predicados de Deus.

“*Demônio*” vem a ser um nome genérico, aplicado seja a todos os espíritos maus, anjos que pecaram antes da criação de Adão e foram condenados ao inferno, assim como ao chefe desses espíritos maus. A Sagrada Escritura o apresenta como uma pessoa, mesmo afirmando não se tratar de um só: “somos muitos”, gritam os demônios a Jesus através do possesso de Gerasa (Mc 5,9); “o diabo e seus anjos”, fala Jesus ao tratar do juízo final (Mt 25,41).

---

<sup>35</sup> Esta hipótese foi sustentada no séc. XVI por dois grandes teólogos: Ambrósio Catarino, dominicano, e Francisco Suarez, jesuíta.

<sup>36</sup> São Pedro afirma que desejaram os anjos conhecer o mistério do Evangelho (1Pd 1, 12). É doutrina comum que pecaram por orgulho. Suarez ensina que o pecado deles consistiu na recusa de adorar o Verbo Encarnado, quando Deus lhes revelou a Encarnação.

Todos os deuses dos gentios eram demônios<sup>37</sup>. Os pagãos ofereciam-lhes sacrifícios, até mesmo imolando os próprios filhos (Sl 105,37; Bar 4,7); a Bíblia proibia todos os sacrifícios e qualquer culto prestado aos ídolos (Lv 19,4), mas de modo muito mais enérgico os sacrifícios humanos (Lv 18,21).

Mais recentemente, as diversas formas de espiritismo<sup>38</sup>, além dos cultos propriamente e declaradamente pagãos ou satânicos<sup>39</sup>, renovaram o culto pagão (embora disfarçado) ao demônio.

<sup>37</sup> Há várias atas autênticas de mártires que atestam a manifestação desses espíritos através do simulacro das divindades pagãs. Sobre a presença do demônio e o culto a ele tributado no paganismo: A. M. di Nola, *Il Diavolo*, Newton, Roma, 1994; G. Saake, *O Demônio, Adversário do Ser Supremo nas Culturas dos Povos Primitivos* in *O Demônio Aspectos Teológicos*, Vozes, Petrópolis, 1957, p. 127-136. O mesmo livro dos Atos dos Apóstolos narra como a possessão demoníaca de uma escrava em Filipos rendia grossas somas aos seus senhores, já que o demônio que a possuía fazia com que ela predissesse o futuro (At 16,16-18).

<sup>38</sup> Cf. B. Kloppenburg, *Atuação do Demônio no Espiritismo* in *O Demônio Aspectos Teológicos*, Vozes, Petrópolis, 1957, p. 105-124; Ide, *A Demonolatria nos Terreiros de Umbanda*, in *Ildem*, p. 139-153.

<sup>39</sup> O Satanismo teve um período de expansão no sec. XII, sobretudo na Alemanha e na Áustria. Atualmente, no Canadá, uma Organização Não-Governamental, a "Religious Tolerance Org." (Organização para a Tolerância Religiosa) dedicou-se ao estudo dos grupos e rituais satânicos. O resultado do seu trabalho foi classificado em diferentes categorias e itens, concentrando-se em três correntes principais: a) **Satanismo Gótico**: pessoas que se dedicam a adorar satanás mediante ritos de invocação, depravação, tortura, e sacrifícios de animais e seres humanos, agindo de modo velado nos bastidores da sociedade, buscando atrair pessoas influentes para, com isso, dirigir os destinos da humanidade; b) **Satanismo Religioso**: praticado por pessoas que se identificam como satanistas e se dedicam a pregar a doutrina da *Church of Satan*, *Temple of Set*, *Order of the Black Ram*, *Church of War*, *World wide Church of Satanic Liberation*, *The process Church of the final judgement*, *Bambini di Satana*, *Chiesa di Satana di Filippo Scerba*, *Chiesa Luciferiana* e outras denominações e crenças do gênero; c) **Satanismo de Curiosos**: envolvem pessoas ou grupos no final da adolescência que se dizem satanistas e seguem normas que criaram a partis do Satanismo, do Neo-Paganismo, de leituras sobre o Satanismo Gótico e de rituais de magia. Uma consulta ocasional a um dos sites de busca na Internet detectou 174.425 Web sites dedicados a Satã, 35.376 a Lúcifer e 17.376 a Satanismo. Muitos deles levam à pessoa de Anton Szandor La Vey, criador da Igreja de Satã há vinte e cinco anos, cujos escritos ("A Bíblia Satânica", "Os Rituais Satânicos" e "A Bruxa Satânica") constituem a síntese do pensamento satânico atual. Grupos de rock fundamentam seu sucesso em letras musicais claramente satânicas e em shows de caráter abertamente ocultista. Para um conhecimento maior desse universo, remetemos o leitor à bibliografia, no final desse artigo.

### 3. A atividade angélica no mundo

Os anjos bons são ministros de Deus para a glória do Criador e a salvação dos homens<sup>40</sup>. Desde os primeiros séculos, os cristãos crêem que cada ser humano tem seu anjo da guarda<sup>41</sup>; isto estaria insinuado em Mt 18,10.

O pecado entrou no mundo por causa da inveja que os demônios provaram em relação à felicidade que se gozava no Paraíso<sup>42</sup>. Procuram sempre perder os homens<sup>43</sup>. Os demônios procuram atrair os homens ao pecado e se opõem à obra de Cristo que, pela Redenção, os libertou da escravidão dos mesmos demônios<sup>44</sup>. O demônio tentou a Jesus<sup>45</sup>, transformou-se em anjo da luz para enganar os homens<sup>46</sup>, mas só pode agir quando Deus permite<sup>47</sup>. É o pai da mentira e o príncipe do mundo e de todos os maus<sup>48</sup>, cujo império foi destruído por Cristo<sup>49</sup>.

Quanto à autorização que Deus concede os anjos maus para tentar os homens<sup>50</sup>, serve para que se fortaleça a virtude dos bons, portanto, em vista de um fim providencial. Satanás não é todo poderoso; Santo Agostinho o compara a um cão acorrentado, que pode ladrar muito, mas não pode

---

<sup>40</sup> Os anjos bons podem ver a Deus (Mt 18,10) e são chamados filhos de Deus (Jó 1,6. 38,7).

<sup>41</sup> Anjo da Guarda ou Custódio: tal é o nome dado ao anjo que Deus dá a cada homem para protegê-lo. É doutrina comum que Deus designa um anjo para proteger cada pessoa desde o momento do seu nascimento. A Igreja não definiu esta doutrina como de fé; no entanto está baseada nas S. Escrituras (Sl 90,11; Mt 19,10; At 12,15). E na Tradição católica. o papa São Clemente X aprovou a tradicional devoção aos anjos da guarda estabelecendo no dia 2 de outubro uma festa em sua honra a ser celebrada por toda a Igreja Ocidental. Também as Igrejas orientais têm devoção e culto aos anjos, nomeadamente aos arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, assim como aos anjos da guarda.

<sup>42</sup> Cf. Sb 2,24.

<sup>43</sup> Cf. Gn 3,1; 2Cr 18,21; Jó 1,11; Zc 3,1; Mt 8,28; Lc 8,12; Ef 6,11; Ap 2,10. 12,9.

<sup>44</sup> Cf. Mc 5,1-17. 9,16-26.

<sup>45</sup> Cf. Mt 4.

<sup>46</sup> Cf. 2Cor 11,14.

<sup>47</sup> Cf. 1Rs 22,22; Jó 1,12. 2,6; Mt 8,31; 2Tm 2,26; Ap 20,7.

<sup>48</sup> Cf. Jo 8,44. 12,31. 14,30. 16,11; At 13,10; 2Cor 4,4; Ef 2,2; 1Jo 3,10.

<sup>49</sup> Cf. Mt 8,16; Lc 10,18; 11,22; Cl 1,13; 2Tm 1,10; Hb 2,14. Para uma visão mais ampla da demonologia neo-testamentária: O. Sczypczak, *A Demonologia no Novo Testamento in O Demônio Aspectos Teológicos*, Vozes, Petrópolis, 1957, p. 67-101.

<sup>50</sup> Cf Lc 22,31; Ap 12,12.

morder senão a quem se lhe chega perto. São Paulo nos diz que Deus não permite que sejamos tentados acima das nossas forças, mas, com a tentação, nos dá os meios de sair dela vitoriosos<sup>51</sup>.

Além das tentações, a Sagrada Escritura menciona também a possessão diabólica: um estado em que o demônio se serve do corpo da pessoa, falando por este e movendo-o à blasfêmia e a atitudes convulsivas, sem que o possesso consiga resistir-lhe; a vontade do possesso, porém, fica isenta de pecado.

Pergunta-se se é possível tal coisa Para responder, distinguimos. Os Evangelhos nos dizem que Jesus encontrou possessos e os exorcizou, e o mesmo fizeram seus discípulos em seu nome, e mesmo fizeram outras pessoas que não eram do número dos discípulos, usando o seu nome, confirmando em todos os observadores a impressão de que existe possessão diabólica<sup>52</sup>.

Ora, se não havia possessão, Jesus não somente teria realizado uma farsa teatral (para se adaptar a uma crença dos judeus), mas teria também confirmado os homens no erro; isto, porém, é inaceitável, pois Jesus mesmo declarou de Si: “Para isto nasci e vim ao mundo: para dar testemunho da verdade” (Jo 18,37). Por conseguinte, devemos crer que nos tempos de Jesus havia possessos, que Ele os encontrou pessoalmente e os exorcizou, segundo as narrações dos evangélicos.

Os demônios, como os anjos com os quais compartilham a natureza, não têm corpo e, assim, não ocupam espaço. Crenças antigas a eles se referem como vivendo em grupos e em lugares desertos (Mt 4,1; Lc 11,26), mas, às vezes, podem tomar um corpo ou a forma de um animal - por exemplo: a forma de bodes selvagens ou serpentes que vivem nos desertos (Gn 3,13-15; Is 34,14).

As pessoas podem ser possuídas pelo demônio que as controla, as obriga a atos de loucura, de blasfêmia ou maledicência, e a fazer coisas prejudiciais aos outros ou a si mesmas<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> Cf ICor 10,13.

<sup>52</sup> Cf. Mt 8,16.31. 9,33; Lc 4,35; 8,2.28. 9,43; 13,11. Estes obedeciam também aos discípulos (Lc 10,17; Mt 5,16; 8,7 ; 16,18). Reconheceram a Cristo (Mt 8,29; Mc 3,11. 5,7; Lc 4,33.41. 8,28; At 19,15).

<sup>53</sup> Cf. Mc 5, 2-5 e paralelos; Mc 9, 16-18.22 e paralelos.

Na história da Igreja foram, e são até hoje, apontados casos de verdadeira possessão diabólica. A Igreja admite a possibilidade de tal fenômeno; por isto tem um ritual de exorcismo. Todavia, os progressos da psicologia e da medicina revelam que muitos dos sintomas outrora atribuídos à ação direta do demônio, não são senão efeitos patológicos, nervosos ou parapsicológicos.

Em conseqüência, devemos ser sóbrios diante de notícias de possessão diabólica. Principalmente no Brasil, a grande maioria dos casos apresentados como de possessão não são senão estados mórbidos; todavia, a presença dos cultos afro-brasileiros e espíritas entre nós sugere facilmente às pessoas impressionáveis a idéia de que uma doença nervosa, renitente e feia é resultado da possessão diabólica. Quanto mais os pacientes admitem isto, tanto mais se sugestionam, se apavoram e se prejudicam. Daí a necessidade de esclarecimento do povo de Deus: existe, sim, o demônio, mas a sua ação visa mais a induzir ao pecado do que às doenças ou desgraças físicas.

Que o cristão viva santamente, confiando em Deus, e nada terá a temer por parte do Maligno: “Se Deus está conosco, quem estará contra nós?” (Rm 8,31). Notemos ainda que não se devem identificar simplesmente os exus e orixás das religiões afro-brasileiras com os anjos maus<sup>54</sup>.

#### 4. História sumária do dogma

Ao tratarmos da existência dos anjos vimos o que a Sagrada Escritura nos diz a respeito e como dentro da própria Palavra de Deus deu-se a evolução teológica do termo.

Contra concepções oriundas do pensamento apocalíptico judaico ou grego, os Padres da Igreja<sup>55</sup> sempre defenderam o caráter criatural dos anjos, os quais, portanto, não tomaram parte (como sustentam diversas formas de

---

<sup>54</sup> Estes são meras criaturas de Deus, ao passo que as entidades cultuadas naqueles centros religiosos são tidas como semideuses, ainda que, sob essas denominações, se possa também prestar culto ao demônio.

<sup>55</sup> Autores cristãos dos primeiros séculos da era cristã que, sucedendo aos apóstolos como pastores ou defendendo a fé cristã dos ataques pagão ou das heresias, refletiram e transmitiram integral e fielmente a doutrina evangélica e a Tradição apostólica, confirmando seu ensinamento com a santidade de vida e, algumas vezes, inclusive com o martírio.

gnose<sup>56</sup>) na criação do mundo, mesmo dispondo sempre de uma potência superior àquela dos homens.

Apenas a partir de uma declaração do Magistério eclesiástico no Concílio Lateranense IV (em 1215), onde se fala claramente seja da criação dos anjos seja da perversão de parte deles, os demônios, é que se torna tese da angeologia o seu caráter de puros espíritos. Enfim, ha uma recente declaração do Magistério eclesiástico<sup>57</sup> que se dirige contra aqueles que colocam em dúvida seja o caráter pessoal dos anjos assim como a diferença essencial entre espírito e matéria.

## 5. A possessão diabólica

Além da tentação<sup>58</sup> e da obsessão<sup>59</sup>, pode o demônio prejudicar o homem pela possessão. Com as tentações, desperta no homem as más paixões, pela ação dos sentidos e da imaginação. Com a obsessão ou infestação, o demônio força o homem a suportar aflições internas ou externas, como no caso bíblico de Jó, que perdeu seus bens, saúde e foi afligido com males corporais, além de poder manifestar-se em locais e ambientes. Com

---

<sup>56</sup> Conjunto de doutrinas heréticas que irromperam desde o início do cristianismo, sob influência do pensamento grego e persa, principalmente, e que sustentam fundamentalmente a negação de toda a concreta do tempo presente, a “fuga” na esfera divina - à qual se ascende mediante um conhecimento filosófico esotérico (e que vem representado em especulações sobre espíritos e anjos) e a ascese, além de um dualismo absoluto ou relativo (a superioridade e mesmo a oposição entre espírito e a matéria, sendo aquele bom e esta má), além da aversão e refutação de toda ordem legal e moral. Sobre as crenças gnósticas e a demonologia: A. M. di Nola, *Il Diavolo*, Newton, Roma, 1994, p.48-63.

<sup>57</sup> A Encíclica de Pio XII *Humani generis*, de 12/08/50 que trata especificamente dos novos erros e perigos para a teologia.

<sup>58</sup> Forma comum pela qual o demônio sugere ou instiga o mal pela ação dos sentidos e da imaginação, buscando inclinar a pessoa a preticá-lo (nesse sentido é que vem usada em Mt 6,13; Lc 11,4). A Sagrada Escritura também usa o termo *tentação* no sentido de pôr à prova, experimentar (cf. Gn 22,18; Ex 17,31; Nm 14,23). Por não vir de Deus, mas apenas sendo permitida por Ele para provar a nossa virtude, a tentação pode ser repelida se recorrermos ao Seu auxílio.

<sup>59</sup> Teologicamente, a obsessão é a ação externa do demônio pela qual este obriga o homem a suportar aflições, doenças, revezes (como se lê no livro de Jó). Como na possessão, o indivíduo permanece isento de pecado, pois a obsessão não afeta a sua vontade. Pode ser permitida por Deus para os mesmos fins da tentação, não significando estado pecaminoso anterior do indivíduo. Não se trata aqui, portanto, do estado patológico caracterizado pela persistência de uma idéia na mente, contra a vontade da própria pessoa.

a possessão, porém, o demônio se apodera da ação humana, por assim dizer; toma posse do corpo do homem, usando-o como instrumento para blasfêmias, profanações e maldições.

“Estado de servidão, de escravidão em sumo grau (Lc 13,16), no qual o centro da personalidade, o eu, como princípio do querer e agir consciente, fica entorpecido por poderes estranhos que procuram perder ou corromper o homem e o empurram em certas ocasiões à própria destruição.”<sup>60</sup>

Deus pode permitir tais estados<sup>61</sup> seja como punição pelos pecados cometidos, para melhor purificar-nos, para instruir-nos na caridade<sup>62</sup> e, finalmente, para nos manter fortes e vigilantes na fé.

Obsessão e possessão não significam, porém, necessariamente, estado pecaminoso anterior no indivíduo<sup>63</sup>. Pode Deus permitir que o justo experimente estes sofrimentos para aumentar seus méritos pela prova de sua virtude. Os Evangelhos trazem vários exemplos de possessões<sup>64</sup>. Nos países cristãos são, em geral, muito raras, ainda que hoje tendam a apresentar um notável crescimento graças ao florescimento de movimentos como a Neo-Paganismo, a Nora Era e os cultos satânicos, além da prática da magia.

<sup>60</sup> W. Foerster, cit. por M. Plager: Bauer, DTBH in Aquilino de Pedro, *Possessão diabólica, Dicionário de termos religiosos e afins*, p.248.

<sup>61</sup> Há teólogos e biblistas hoje (e com eles psicólogos, psiquiatras e parapsicólogos) que negam tal possibilidade justificando sua posição com o apelo à dignidade e liberdade do homem, além da misericórdia de Deus. Representante dessa corrente, Drewermann afirma: “Mas então os espíritos diabólicos não passam de simples espíritos humanos – forças da alma que foram empurradas para o orco do inconsciente pela angústia? A esta pergunta é muito importante antes de tudo que se responda sem reservas que sim. Tudo o que se encontra na lama humana é humano e não diabólico e deve, portanto se entendido segundo as leis próprias da psique humana.” (E. Drewermann, *Das Markusevangelium, Erster Teil*, Walter-Verlag, Olten u. Freiburg im B., 1987, p. 37 in C. Vendrame, *Exorcismo, Dicionário Interdisciplinar de Pastoral da Saúde*, Paulus, 1999, p. 507). Não é essa a posição da Igreja na sua Tradição e no seu Magistério desde os primórdios até os nossos dias. No dizer de

<sup>62</sup> Deus é amor (1Jo); se não estamos em Deus e com Deus, por falta de amor, então estamos da parte oposta, no ódio, e, portanto, expostos à ação demoníaca.

<sup>63</sup> Vejamos os casos de S. João Maria Vianey, S. João Bosco ou Pe. Pio de Pietrelcina, entre outros.

<sup>64</sup> Cf. Possesso: Mc 1, 23. Lc 4, 33; possessos de Gerasa: Mt 8. 28. Lc 8, 50; possesso mudo: Mt 9, 32. Lc 11, 14; possesso cego e mudo: Mt 12. 22; possesso, menino: Mt 17 14. Mc 9, 16. Lc 9, 38; possessa, filha da mulher cananéia: Mt 15, 22. Mc 7, 24; possessa. Maria Madalena: Mc 16, 9. Lc 8, 2.

Assim sendo, se define a possessão diabólica como sendo um estado no qual o demônio se apodera das faculdades da pessoa e age por meio delas, independentemente da vontade de tal indivíduo e do envolvimento deste com o pecado atual; exprime-se principalmente em blasfêmias e revolta contra Deus. A possessão diabólica é distinta do estado de pecado grave, pois não supõe necessariamente culpa da parte do possessor. A existência da possessão diabólica é atestada pelos Evangelhos.

Não é sempre fácil discernir o que de preternatural acontece em tais casos, nem a Igreja é pródiga em reconhecer nos fenômenos a ação demoníaca direta<sup>65</sup>; mas em linha de princípio não se pode negar que, na sua vontade de causar e conduzir ao mal, satanás possa chegar a esta extrema manifestação da sua superioridade, quase que numa demonstração do seu eterno “não” contra Deus e o Seu Reino, ainda que a prática por ele preferida seja aquela de esconder-se para melhor poder agir<sup>66</sup>.

Notemos também que esta presença diabólica é atestada pela Sagrada Escritura não apenas nas pessoas e locais, mas também na história da humanidade: causam verdadeira impressão as palavras de S. João Apóstolo: “Todo o mundo jaz sob o poder do maligno” (1Jo 5,19); uma presença que se faz sentir tanto mais quanto o homem e a sociedade se afastam de Deus.

Jesus praticou exorcismos<sup>67</sup>. Ora, não se pode crer que Ele tenha fingido expulsar demônios quando não os havia, Ele que veio precisamente para

---

<sup>65</sup> Os papas Paulo VI e João Paulo II, para citarmos apenas os últimos pontífices que ensinaram sobre o tema, ambos extênuos defensores da existência dos demônios como seres reais, vivos e pessoais, bem como de seus poderes extraordinários, são cautelosos quando tratam da possessão diabólica. São várias as catequeses a esse respeito, além de documentos da Congregação para a Doutrina da Fé. Citamos, apenas à guisa de exemplo, dois discursos catequéticos que causaram grandes comentários: *Liberaci dal male*, de Paulo VI (23/11/1972) e *La vittoria di Cristo sopra lo spirito del male*, de João Paulo II (24/08/1986).

<sup>66</sup> Muitos exorcistas experimentados (católicos ou não) o atestam em seus relatos: M. Alexander (a cura di) *La mia vita col Diavolo – Biografia de um exorcista*, Casa Ed. MEB, Padova, 1995; G. Amorth, *Un esorcista racconta*, Ed. Dehoniane - Roma, 3ª ed. ampliata, 1991; Idem, *Nuovi racconti di un esorcista*, Ed. Dehoniane – Roma, 2ª ed., 1992; I. Froc, *Esorcisti. Chi sono e cosa fanno. Come si insegna a combattere Satana.*, PIEMME, Casale Monferrato, 1993; R. Salvucci, *Indicazioni pastorali de um esorcista Parole chiare su una realtà oscura*, Ancora, Milano, 4ª ed., 1994

<sup>67</sup> Cf. supra nota 63.

dar testemunho da verdade<sup>68</sup>. Em consequência, é de se crer que Jesus encontrou casos reais de possessão durante o seu ministério público.

Após Jesus Cristo, no decorrer da história da Igreja, muitas vezes os cristãos julgaram estar diante de casos autênticos de possessão diabólica. Diagnosticavam-na mediante sintomas que pareciam inexplicáveis aos olhos da ciência e da razão: falar e entender línguas estranhas, contorcer-se no chão, levitação, telecinesia, aporte, força física superior à idade e condição humana, adivinhar pensamentos alheios, manifestar coisas ocultas e distantes, aversão ao sacro pareciam indicar possessão<sup>69</sup>.

Em nossos dias, porém, a Igreja recomenda cautela diante de tais fenômenos, pois os mesmos já são explicáveis pela psicologia e a parapsicologia na grande maioria dos casos ordinariamente encontrados. Daí a reserva das autoridades eclesásticas, que julgam ser possível a ocorrência da possessão diabólica - que se caracteriza principalmente pelo ódio a Deus e a blasfêmia - mas que afirmam que a mesma deve ser bem diferenciada de manifestações do psiquismo humano, sejam estas manifestações indicadoras de situações normais ou patológicas<sup>70</sup>.

### 5.1. O exorcismo

A palavra *exorcismo* tem a sua origem no termo grego *εχορκισμός*, que significa pôr para fora, expulsar, e sua prática, tendo como exemplo da ação

---

<sup>68</sup> Cf. Jo 19,37.

<sup>69</sup> Assim como Paulo V ao dar à luz o Ritual Romano, Pio XII - na última edição do antigo ritual (1952) - adverte que tais sinais são indicativos, não decisivos. Cf. *Rituale Romanum*, Editio prima post typicam, Polyglota Vaticana, 1957, Titulus XII: *De exorcizandis obsessis a daemónio*, I, 3-12.13.

<sup>70</sup> Corrado Balducci, conhecido demonólogo e estudioso da psiquiatria e da parapsicologia, na quinta parte (*Diagnosi dell'attività demoniaca straordinaria*) do seu livro *Il Diavolo "... esiste e lo si può riconoscere"* apresenta de forma ampla e atual, com critérios científicos, como individuar as poucas verdadeiras presenças da atividade diabólica de caráter extraordinário, fazendo clara referência às clássicas indicações do Ritual Romano promulgado por Paulo V e em uso, com pequenos retoques, até nossos dias.

de Jesus<sup>71</sup>, é controlada pela Igreja, como prevê o cânon 1172 do Código de Direito Canônico, entre outros documentos.<sup>72</sup>

Este cânon pertence ao Título I (que trata dos sacramentais<sup>73</sup>) do Livro IV (que trata sobre o ofício de santificar da Igreja). Assim sendo, o

---

<sup>71</sup> Na teologia litúrgica existem alguns princípios fundamentais: a) quanto Cristo fez na Sua vida, a Igreja perpetua, no tempo e no espaço, nos e com os seus fiéis, sempre em um contexto litúrgico-vital; b) A Igreja, na sua atuação ao longo do tempo, não faz outra coisa senão agir de modo anamnético (e por isso verdadeiro e eficaz) da mesma maneira como agiu Jesus no tempo da Sua vida terrena, atuando com Ele no “hoje” de Deus, com uma modalidade análoga à Sua de sumo e eterno sacerdote; c) a autêntica especificidade e novidade do modo de agir do cristão é, e deve ser, unicamente em relação ao modo de agir de Cristo. Desse modo, também o exorcismo é uma atuação anamnética do modo de agir de Cristo.

<sup>72</sup> O CIC c.1172. A Igreja dispõe de um formulário especial de adjuração pelo qual expulsa o demônio do corpo humano. O rito chama-se exorcismo, e só pode ser feito com licença expressa do bispo local que, segundo as prescrições canônicas deve mandar proceder rigoroso exame para ver se não se trata de algum estado patológico, como epilepsia, loucura, etc. Enquanto o ritual atual esteve sendo revisto, foi usado *ad experimentum* um novo, proposto aos exorcistas seja como ritual seja como *instrumentum laboris*, para que dessem suas contribuições na elaboração do novo ritual. A publicação do novo ritual (*De exorcismis et supplicationibus quibusdam – Sobre o Exorcismo e todos os gêneros de Súplicas*) se deu em 1999. A mesma Congregação para a Doutrina da Fé emanou um documento intitulado “Fé Cristã e Demonologia”, publicado no *L'Osservatore Romano* aos 26/06/75 onde trata do problema da existência e atuação do demônio.

<sup>73</sup> CIC c. 1166: “Os sacramentais são sinais sagrados, mediante os quais, imitando de certo modo os sacramentos, são significados principalmente efeitos espirituais que se alcançam por súplica da Igreja.” Já “os sacramentos do Novo Testamento, instituídos pelo Cristo Senhor e confiados à Igreja, como ações de Cristo e da Igreja, constituem sinais e meios pelos quais se exprime e se robustece a fé, se presta culto a Deus e se realiza a santificação dos homens; por isso, muito concorrem para criar, fortalecer e manifestar a comunhão eclesial; em vista disso, os ministros sagrados e os outros fiéis, em sua celebração, devem usar de suma veneração e devida diligência.” (CIC c. 840). Como se vê, numa analogia com os sacramentos, também os sacramentais são sinais da fé orante e intercedente da Igreja (ex Ecclesiae impetratione), a qual, mediante a linguagem própria da liturgia, impetra, segundo a especificidade de cada sacramental, graças e ajudas atuais, e mesmo favores temporais, úteis aos fiéis no plano salvífico. Ainda que se assemelhem aos sacramentos (como meios para obter a graça), os sacramentais porém diferem daqueles por vários motivos: a) pela origem: os sacramentos foram instituídos por Cristo enquanto que os sacramentais são propostos pela Igreja; b) pelos efeitos: os sacramentos produzem diretamente a graça santificante ou o seu aumento, enquanto que os sacramentais obtêm diretamente apenas graças atuais e auxílios divinos; c) pela ação: enquanto os sacramentos têm a sua eficácia pela válida administração (ex opere operato), a eficácia dos sacramentais é obtida em força da dignidade moral daquele que realiza o rito e daquele que o recebe (ex opere operantis); d) pelo número: os sacramentos são sete (Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio), enquanto o número dos sacramentais é indefinido, e por disposição da Igreja pode variar segundo as circunstâncias e tempos. Para um estudo bastante completo, sob o aspecto teológico, litúrgico e jurídico: *I sacramentali e le benedizioni*, Ed. Marietti, 1989 (coleção Anamnesis, vol. VII).

exorcismo é um sacramental, um ato do culto divino que visa a santificação dos fiéis (neste caso, libertando-os de qualquer presença demoníaca), segundo a mente do Legislador.

Por ser o único cânon a tratar do argumento, iremos transcrevê-lo para que o leitor possa ter uma melhor compreensão:

§ 1. Nemo exorcismos in obsessos proferre legitime potest, nisi ab Ordinario loci peculiarem et expressam licentiam obtinuerit.

§ 2. Haec licentia ab Ordinario loci concedatur tantummodo presbytero pietate, scientia, prudentia ac vitae integritate praedito.

§ 1. Ninguém pode legitimamente fazer exorcismos em possessos, a não ser que tenha obtido licença especial e expressa do Ordinário local.

§ 2. Essa licença seja concedida pelo Ordinário local somente a presbítero que se distinga pela piedade, ciência, prudência e integridade de vida.

Em matéria assim delicada o Legislador é muito sóbrio e cauteloso, por isso veta a seja lá quem for (**Nemo** - Ninguém) a realizar exorcismos sobre possessos senão após haver obtido um especial e expressa (**peculiarem et expressam**) licença do Ordinário do lugar.

A licença deve ser **expressa**: não basta presumi-la.

É competente apenas o Ordinário do lugar (Bispo diocesano, Vigário geral ou episcopal e os demais enumerados no c. 368<sup>74</sup>) não o Ordinário de um Instituto religioso ou de uma Sociedade de vida apostólica clericais e de direito pontifício (c. 134 § 2).

Da sua parte, o Ordinário do lugar só poderá conceder a supracitada licença a um presbítero que una todas as qualidades enumeradas expressamente pelo Legislador (piedade, ciência, prudência e integridade de vida).

<sup>74</sup> Ainda que tenham apenas interinamente (**ad interim tantum**) a potestade executiva, como o Administrador diocesano; cf. c. 134 § 1.

A partir da reforma conciliar, foram emanados até agora seis documentos referentes ao exorcismo:

1. O **Ordo Baptismi Parvulorum**: rito do batismo de crianças (aos 15 de maio de 1969), onde se dá o exorcismo sobre a criança catecúmena;
2. O **Ordo benedicendi Oleum**: rito para a bênção dos santos óleos para o uso sacramental (de 03 de dezembro de 1970), onde se fala sobre os efeitos do exorcismo;
3. O **Ordo initiationis christianae aduulorum**: o rito para a iniciação cristã dos adultos (de 06 de janeiro de 1972), onde encontramos: a) a existência do exorcismo para o catecúmeno adulto nas várias etapas da iniciação até o batismo; b) a sua descrição ritual celebrativa; c) a distinção entre *exorcismi primi seu minores* e exorcismos inseridos nos *scrutinia*; d) os ministros de tais formas de exorcismo; e) os efeitos dos exorcismos;
4. O **Codex Iuris Canonici** (de 15 de janeiro de 1983), no já citado c. 1172, onde se fala do exorcismo aos possessos;
5. O **De exorcismis et supplicationibus quibusdam**, (1998): o novo ritual dos exorcismos,
6. A **Instrução acerca das orações para obter de Deus a cura** (14/09/2000)<sup>75</sup>.

Dos documentos oficiais da Igreja acima elencados resulta que:

1. os exorcismos, em senso estrito, são: a) o *exorcismo litúrgico* que a Igreja usa na administração do Batismo, cujo sujeito é o catecúmeno (criança ou adulto), cujos ministros são o bispo, o presbítero, o diácono ou o catequista; b) o *exorcismo*

---

<sup>75</sup> A referência explícita é feita nas *Disposições Disciplinares* Art. 8: §1. O ministério do exorcismo deve ser exercido na estreita dependência do Bispo diocesano e, em conformidade com o can. 1172, com a Carta da Congregação para a Doutrina da Fé de 29 de Setembro de 1985 e com o *Rituale Romanum*. § 2. As orações de exorcismo, contidas no *Rituale Romanum*, devem manter-se distintas das celebrações de cura, litúrgicas ou não litúrgicas. § É absolutamente proibido inserir tais orações na celebração da Santa Missa, dos sacramentos e da Liturgia das Horas.

*litúrgico-jurídico*, cujo sujeito é o possessor e cujo ministro é o presbítero com as devidas faculdades e requisitos, à norma do c. 1172;

2. os exorcismos são um rito sacramental usado pela Igreja como *bênção invocativa*<sup>76</sup> sobre pessoas, animais, coisas e locais possuídos pelo demônio como bênção de santificação sobre todos os elementos criados bons por Deus mas que o demônio quis profanar com a sua nefasta presença. Seus escopos são vários: catequéticos, formativos, de disposição (aos Sacramentos de Iniciação), de libertação do influxo diabólico (este objetivo está sempre presente).
3. além disso, os exorcismos fazem compreender o verdadeiro caráter da vida espiritual, a contínua luta entre carne e espírito para se ver livre do influxo do pecado original e dos assaltos de Satanás, para ser revigorado na vida cristã como peregrino que ruma para o encontro definitivo com o Senhor.

Assim sendo, o ritual da Igreja conhece dois tipos de exorcismo:

1. O menor, que consiste em orações que podem ser proferidas por qualquer cristão, mas não devem ser utilizadas sem critérios<sup>77</sup>;

<sup>76</sup> Ao longo da história a Igreja usou de várias expressões verbais para exprimir a sua intenção de exorcizar: *exorciso*, *adiurom conuenioalloquor*, *benedico*. A oscilação terminológica pode ser testemunha seja de uma passagem de significado dos verbos acima elencados, seja de tentativa de aculturação da realidade do exercício do poder da Igreja sobre o demônio. As fórmulas empregadas para o exercício do exorcismo vão variando também desde o uso feito pelas primitivas comunidades cristãs: vão do esconjuro indicativo (*exorciso te*, *adiurom te*) ao deprecativo (*erradicare*, *effugare*, *discende*), e ao optativo de súplica (*rogamus*, *deprecamur*). Ademais, existem fórmulas diretamente epicléticas, seja indicativas (*benedico*, *invoco*, *confirmo*) como deprecativas (*aspice*, *mitte*) ou optativas (*benedictio*, *descendat*, *maneant*). As fórmulas exorcísticas expressivo-eucológicas constituem na vida da Igreja um testemunho inequívoco da convicção da cristandade de ser detentora de um poder sobre a ação do demônio, instruída pelos exemplos de Cristo e obediente à Sua palavra.

<sup>77</sup> Em nossos dias, existe uma tendência exagerada a crer que o demônio é o autor de todas as desgraças físicas e morais, de modo que, para debelar qualquer infortúnio, se diz a oração do exorcismo menor ou simples. A esta prática está subjacente um erro, que pode ter graves conseqüências: a precipitação para admitir intervenções diabólicas suscita um clima de apavoramento nos fiéis, apavoramento este que pode provocar doenças nervosas. Na verdade, o ser humano é suficientemente mau para explicar a existência de pecados e

2. O exorcismo maior: que é muito complexo e supõe um sacerdote nominalmente designado pelo bispo<sup>78</sup>.

Na base dessas premissas, pode-se dizer que, nas assembleias protestantes, os pastores presumem muito fácil e precipitadamente haver possessão diabólica; em certas igrejas, todos os infortúnios, doenças, reverses são atribuídos ao demônio, de modo que os exorcismos se repetem com freqüência: por vezes, a pessoa chega até ser espancada como se, assim, se espancasse o demônio, o que redundava em ferimentos sérios para o “possesso”.

Na verdade, essas “vítimas” não são possessos; são pessoas que sofrem como os demais mortais sofrem. Não é, portanto, o caso de se lhes aplicar o exorcismo; este provoca um ambiente de histeria coletiva, com gritos, exclamações, aplausos teatrais...

Alguns casos de aparente possessão diabólica podem ser simples fenômenos que hoje se explicam pelas ciências psicológicas ou parapsicológicas, por isso é necessária grande cautela, além da assistência de peritos em psicologia ou parapsicologia, segundo o caso, antes de considerar como possessão diabólica um caso determinado.

O que se deve fazer em todos os casos è, sempre pedir a Deus pelo alívio dessas pessoas sofredoras e a libertação de seus males, sem, porém, recorrer ao exorcismo, simplesmente. A oração é a grande arma do cristão; é preciso crer mais na oração e procurar menos os recursos teatrais. Se alguém se diz beneficiado ou curado em virtude do exorcismo aplicado pelo pastor, pode-se afirmar que tal bem-estar resulta da sugestão incutida pelo exorcista. O exorcismo como tal não tem efeito sobre o demônio que no caso não está atuando, mas leva a vítima a crer que está prestes a ser curada. Ora, esta sugestão desbloqueia o íntimo do paciente e o induz a se sentir bem e normal. Trata-se, pois, de efeito da sugestão, que ocorre

---

outros males no mundo. O demônio tenta o pecador, sem dúvida, mas não se deve supor com facilidade que ele seja o inspirador de todas as tentações. De resto, Santo Agostinho diz, com razão, que o demônio é um cão acorrentado. Pode ladrar e fazer muito barulho, mas só morde aqueles que dele se aproximam.

<sup>78</sup> Cf CIC c.1172. O exorcista se prepara mediante oração e jejum e profere numerosas orações, às vezes por dias sucessivos. Isso só ocorre nos casos de possessão diabólica judiciosamente diagnosticada. Trata-se, portanto, de algo bastante raro.

nos casos de doenças funcionais ou de doenças de fundo nervoso (asma, eczema, úlcera estomacal, cefaléias, etc.).

Nos casos de verdadeira possessão diabólica - e existem profissionais da área médica que, a partir da fé e sem prescindir da ciência, não têm medo de se pronunciarem positivamente a respeito - as regras apresentadas pelo Direito Canônico e pelos rituais de exorcismo (seja o antigo, seja o que esteve em uso *ad experimentum*, seja o atual) são suficientes para servirem como indicadoras seguras e suficientes do modo correto de proceder.

## 5.2. Rituais emotivos e teatrais

A Igreja Católica não pode nem quer concorrer com as características emotivas e teatrais do culto pentecostal protestante, assim como de certos grupos congêneres que se apresentam como sendo católicos. Ela tem consciência de todo o mal provocado por tais expressões: males de caráter somático-psicológicos, mas também teológico-morais, que não são em nada menores que os primeiros<sup>79</sup>. A mensagem da Igreja não é fantasiosa nem recorre à “apelação”, que fala aos sentimentos e às emoções mais do que à inteligência, ao raciocínio e ao bom senso. A Igreja fala ao mais profundo do ser humano e tende a suscitar nele uma adesão que não é “festiva”, mas séria e total.

Por isso, e como conclusão do que dissemos até então sobre a legislação canônica, segue uma Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé<sup>80</sup>: dirigida aos Bispos a respeito do uso do exorcismo. Serve como demonstração seja da seriedade e prudência da Igreja ao tratar do argumento assim como orientação certa e segura àqueles que o desejarem. Foi assinada em 29/9/1985 pelo Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da referida Congregação:

<sup>79</sup> É uma ferida na própria identidade do homem como ser espiritual, desaparecendo a sua mesma integridade humana, a sua dignidade e liberdade, a sua visão do sentido da vida porque se rompe a harmonia funcional entre corpo, mente e espírito, determinando o aparecimento de sérios males físicos e psicológicos (angústia, depressão, apatia, perda da autoconfiança e abatimento moral) ou então dificuldades espirituais sérias (perda do senso oblato e da alegria, aridez, abandono da oração).

<sup>80</sup> Epistula *Inde ab aliquot annis* ordinariis locorum missa: in mentes normae vigentes de exorcismis revocantur (AAS 77(1985), pp. 1169-1170 e *Communicationes*, a. 1986, pp. 46-47). Esta Congregação é o órgão da Santa Sé encarregada das questões atinentes à fé e à moral.

“Excelentíssimo Senhor:

Há alguns anos, certos grupos eclesiais multiplicam reuniões para orar no intuito de obter a libertação do influxo dos demônios, embora não se trate de exorcismo propriamente dito. Tais reuniões são efetuadas sob a direção de leigos, mesmo quando está presente um sacerdote.

Visto que a Congregação para a Doutrina da Fé foi interrogada a respeito do que pensar diante de tais fatos, este Dicastério julga necessário transmitir a todos os Ordinários a seguinte resposta:

1. O cânon 1172 do Código de Direito Canônico declara que a ninguém é lícito proferir exorcismos sobre pessoas possesas, a não ser que o Ordinário do lugar tenha concedido peculiar e explícita licença para tanto (1º). Determina também que esta licença só pode ser concedida pelo Ordinário do lugar a um presbítero dotado de piedade, sabedoria, prudência e integridade de vida (2º). Por conseguinte, os Srs. Bispos são convidados a urgir a observância de tais preceitos.
2. Destas prescrições, segue-se que não é lícito aos fiéis cristãos utilizar a fórmula de exorcismo contra Satanás e os anjos apóstatas, contida no Rito que foi publicado por ordem do Sumo Pontífice Leão XIII; muito menos lhes é lícito aplicar o texto inteiro deste exorcismo. Os Srs. Bispos tratem de admoestar os fiéis a propósito, desde que haja necessidade.
3. Por fim, pelas mesmas razões os Srs. Bispos são solicitados a que vigiem para que - mesmo nos casos que pareçam revelar algum influxo do diabo, com exclusão da autêntica possessão diabólica - pessoas não devidamente autorizadas não orientem reuniões nas quais se façam orações para obter a expulsão do demônio, orações que diretamente interpelem os demônios ou manifestem o anseio de conhecer a identidade dos mesmos.

A formulação destas normas de modo nenhum deve dissuadir os fiéis de rezar para que, como Jesus nos ensinou, sejam livres do mal (cf Mt 6,13). Além disso, os Pastores poderão valer-se desta oportunidade para lembrar o que a Tradição da Igreja ensina a respeito da função própria dos Sacramentos e a propósito da intercessão da Bem-

aventurada Virgem Maria, dos anjos e dos Santos na luta espiritual dos cristãos contra os espíritos malignos.

Aproveito o ensejo para exprimir a V. Excia. meus sentimentos de estima, enquanto lhe fico sendo dedicado no Senhor

*Joseph Card. Ratzinger, Prefeito”*

É em observância a estas normas, de grande prudência e sobriedade, que hão de proceder os grupos de oração católicos e todos os demais fiéis que desejarem manter o vínculo de comunhão com a Igreja e seus Pastores legítimos.

#### **6. Conclusão: Jesus, vencedor do mal**

Faz parte do primitivo depósito da fé um conjunto de certezas que não podem ser menosprezadas, esquecidas ou negadas, e que podemos sintetizá-las assim:

1. A existência do mal no mundo provocado pelos demônios como seres reais e pessoais e sua entrada no mundo mediante o pecado humano (cf. Rm 5,12);
2. a necessidade de se opor ao mal e de rezar para se ver livre dele (cf. Mt 6,13, At 10,38; 26, 18; Cl 1,13);
3. a convicção de se estar sob a eficácia a ação salvadora de Cristo e da Sua oração ao Pai para que os Seus seja preservados do maligno (cf. Mt 12,28; Lc 11,20; Jo 17, 15; Gl 4,3-5; Ef 6,10-13);
4. a convicção que, por Cristo, o demônio foi vencido e expulso (cf. Jo 12,31);
5. a premente exigência de realizar o que Cristo fez e prometeu a quem n'Ele crê, ou seja, expulsar demônios em Seu nome (cf. Mc 16,17);
6. a convicção de que, em razão da Pessoa de Cristo e da Sua autoridade, por força do Espírito Santo, a Igreja militante possa

ser obedecida por aqueles que são mais fortes do que ela (cf. Lc 11,12-22) mas não do que Cristo(cf. At 16,16-19).

O aprofundamento desta linha de estudo leva a evidenciar a autêntica especificidade e novidade da vida cristã, que está intrinsecamente relacionada com o modo de agir de Cristo.

A fé da Igreja nos ensina que a potência satânica não é infinita, ainda que grande (por se tratar de um puro espírito) por ser ele uma criatura e, como tal, subordinada ao querer e ao domínio de Deus que pode permitir a sua ação no mundo apenas enquanto esta serve aos desígnios de salvação da Providência.

“Se a ação de satanás certamente causa muitos danos - de natureza espiritual e indiretamente de natureza também física - a cada indivíduo e à sociedade, ele não pode, todavia anular a definitiva finalidade para a qual tendem o homem e toda a criação, o Bem.”<sup>81</sup> Assim sendo, podemos afirmar, com S. Paulo, que a obra demoníaca concorre para o bem e serve à edificação da glória dos “eleitos”<sup>82</sup>, assim como toda a história da humanidade pode ser considerada em função da salvação total, na qual esta inscrita a vitória plena de Cristo sobre todos os seus inimigos, pela Sua Cruz e Ressurreição<sup>83</sup>.

Eis a grande certeza da fé cristã: “o príncipe deste mundo foi julgado” (Jo 15,11), pois “o Filho de Deus apareceu para destruir as obras do diabo” (1Jo 3,8).

Desta ação e vitória, total e definitiva, de Cristo sobre o diabo participa também a Igreja, Seu corpo, porque Ele deu-lhe o poder de expulsar os demônios<sup>84</sup> e tal poder é exercido pela Igreja mediante a fé em Cristo e a oração<sup>85</sup>, que em casos particulares pode assumir a forma de exorcismo.

Conseqüentemente, tudo aquilo que Cristo fez na Sua vida, a Igreja o perpetua na dimensão espaço-temporal, nos e com os seus fiéis, sempre em um contexto litúrgico-vital.

---

<sup>81</sup> João Paulo II, *Gli Angeli Catechesi al Popolo di Dio*, p.39.

<sup>82</sup> C. Rm 2,28 e 2Tm 2,10.

<sup>83</sup> Cf. Hb 2,14-15.

<sup>84</sup> Cf. Mt 10,1 e paralelos.

<sup>85</sup> Cf. Mc 9,29; Mt 17,19s.

Nesta fase histórica da vitória de Cristo se inscreve o anúncio e o início da vitória final, a *Parusia*<sup>86</sup>, em direção à qual se projeta a vida do cristão que sabe que, se é bem verdade que a história humana está de certa forma sujeita à ação e ao influxo do demônio e seus anjos<sup>87</sup>, também não é menor verdade que a nossa batalha, pessoal e coletiva<sup>88</sup>, se insere na luta que concluirá com definitiva vitória triunfal do bem<sup>89</sup>.

Nessa perspectiva se insere a ação da Igreja, prolongamento do Cristo e da Sua ação salvífica, no exercício do seu tríplice munus de reger, ensinar e santificar em vista da salvação de todos. Esta é a sua lei suprema<sup>90</sup> e razão do ministério jurídico desenvolvido ao longo dos séculos na fidelidade à Palavra de Deus (direito divino), à lei natural (direito natural) e ao homem – fiel ou não – na multiplicidade das suas circunstâncias e situações concretas (direito positivo).

Em resumo, pode-se afirmar que a vida eclesial de ontem e de hoje testemunha que:

1. a existência dos exorcismos é indiscutível;
2. sua essência não pode ser deduzida de uma definição direta<sup>91</sup>;
3. a prática catecumenal reconhece hoje, como ontem, uma importância especial aos exorcismos;
4. há exorcismos *oficiais*<sup>92</sup> (*stricto sensu*) e *não oficiais*<sup>93</sup> (*lato sensu*);

<sup>86</sup> A segunda e definitiva volta de Cristo como conclusão da história.

<sup>87</sup> Cf Ef, 2,2 e 1Jo 5,19.

<sup>88</sup> Cf Ef 6,12.

<sup>89</sup> Cf. 1Cor 15,28.

<sup>90</sup> Cf. CIC c. 1752.

<sup>91</sup> Não há alguma definição direta, seja na Sagrada Escritura, seja no Código de Direito Canônico seja nos documentos oficiais do Magistério.

<sup>92</sup> Portanto, verdadeiros sacramentais, dos quais somente a Igreja tem autoridade para definir o rito, o ministro, o sujeito, etc. O Catecismo da Igreja Católica também recorda que há exorcismos também sobre objetos (CEC n.º 1673).

<sup>93</sup> Formas de devoção popular, por vezes equivocadas ou supersticiosas e, portanto, desastrosas (cf. At 19,11-17); estes são primariamente aqueles preventivos e correspondem à devoção do povo cristão, conaturais à natureza da própria oração da Igreja e de cada fiel nela (entenda-

5. a validade dos exorcismos *stricto sensu* depende da vontade da Igreja mas essa não interfere na validade dos exorcismos *lato sensu*, com a diferença que, quando se age *in persona Ecclesiae*, chama-se em causa a fé no Cristo total.

É em nome de Cristo que a Igreja pratica o exorcismo<sup>94</sup> e é pela ação do Espírito Santo que se comprova a sua eficácia<sup>95</sup>.

Que cada fiel analise com espírito crítico, iluminado pela fé, a oportunidade ou não da prática dos exorcismos *lato sensu*, tendo como modelo e guia a ação da Igreja em relação aos exorcismos *stricto sensu*, vivendo o Dom do Espírito na fé, na observância coerente do Evangelho, na comunhão com os legítimos pastores.

“Quem perseverar até o fim, este será salvo” (Mt 10,22).

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

*Bíblia Sagrada*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1996.

*Catechismo della Chiesa Cattolica*, Libr. Ed. Vaticana, Città del Vaticano, 1992

*Código de Direito Canônico*, Ed. Loyola, São Paulo, 1987.

CONCILUM OECUMENICUM LATERANENSE IV: Inocentius III una cum Sacrosancti Concilii Patribus, Const. *Firmiter credimus* de fide catholica in *Conciliorum Oecumenicorum Decreta*, Ed. Dehoniane, Bologna, 1991, p. 230-231.

---

se o uso da água benta, das imagens sacras, das velas bentas, da oração, etc.). Por si, se referem diretamente às pessoas, mas podem ter também como alvo outras realidades cósmicas. Os ministros desses exorcismos são todos os fiéis, em razão do seu caráter sacerdotal batismal-confirmatório. O novo *Ordo Benedictioinum*, no n.º 18 da Introdução Geral, fazendo eco das determinações do Concílio (*Sacrossanctum Concilium*, 79), ao elencar os ministros da bênção, enumera os acólitos e leitores instituídos e outros *leigos* (homens e mulheres, portanto) que, em vista da própria função (os pais em relação aos filhos), de um ministério extraordinário, do exercício de tarefas peculiares na Igreja (religiosos e catequistas em algumas regiões), “a juízo do Ordinário do lugar e gozando notoriamente de bom conceito quanto ao seu preparo pastoral e à prudência no cumprimento dos próprios deveres apostólicos”, podem celebrar, *a norma iuris*, certas bênçãos com o rito e na modalidade prescritos.

<sup>94</sup> Cf. At 3,6.

<sup>95</sup> Cf. At 19,13-16.

CONGREGATIO DE CULTU DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM, *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, Editio typica, Typis vaticanis min, Città del Vaticano, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ordo Baptismi Parvulorum* Editio typica, Typis vaticanis min, Città del Vaticano, 1969.

\_\_\_\_\_. *Ordo Benedicendi Oleum*, Editio typica, Typis vaticanis min., Città del Vaticano, 1970

\_\_\_\_\_. *Ordo Benedictionum*, Editio typica, Typis vaticanis min., Città del Vaticano, 1984.

\_\_\_\_\_. *Ordo initiationis christianae adultorum*, Editio typica, Typis vaticanis min, Città del Vaticano, 1972.

CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI, *Epistula Inde ab aliquot annis*, in *Enchiridion Vaticanum*, vol. 9, n. 1663-1667, Ed. Dehoniane, Bologna, 1991.

\_\_\_\_\_. *Instrução acerca das orações para obter de Deus a cura (14/09/2000)* in *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, n.º 49 – 2 de Dezembro de 2000, p.7.

\_\_\_\_\_. *Les formes multiples de la superstition sur le thème "Foi chrétienne et démonologie"*, in *Enchiridion Vaticanum*, vol. 5, n. 1347-1393, Ed. Dehoniane, Bologna, 1990.

JOÃO PAULO II, *Gli Angeli Catechesi al Popolo di Dio*, a cura di P. Filippo De Michele, Ed. Michael, Monte S. Angelo, 1986.

RITUALE ROMANUM, Editio prima post typicam, Polyglota Vaticana, 1957, Titulus XII: *De exorcizandis obsessis a daemonio*, p. 839 – 878.

TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, vol. II, trad. de Alexandre Corrêa, Escola Sup. de Teol. S. Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul, Livraria Sulina Ed., Caxias do Sul, 1980.

**Dr. Pe. Rubens Miraglia Zani**

*Professor no Instituto de Direito Canônico "Pe. Dr. Giuseppe Benito Pegoraro"*